

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 1A

Data: 15.04.69

Pg.: 10/17

Missão da FUNAI tentará pacificar beicos-de-pau

06/69.04.15/17

A expedição da Fundação Nacional do Índio — FUNAI —, destinada a atrair e pacificar os Beicos-de-Pau, que habitam a região do rio Arinos, em Mato Grosso, partirá amanhã para Cuiabá e, daí, seguirá para sua área de trabalho, que fica a 300 quilômetros daquela cidade. Sua finalidade é acabar com os freqüentes atritos entre índios e civilizados naquela território, que está sendo ocupado por fazendeiros, seringueiros e garimpeiros, alguns dos quais seriam responsáveis por massacres de índios, havidos há anos.

As terras da região do Arinos constituem, por decreto, reserva indígena e têm pelo menos onze malocas. Mas estão aparecendo colonizadores com títulos de propriedade irregulares, sendo que a 5.ª Delegacia da FUNAI, em Cuiabá, apurou haver certas áreas que foram vendidas até cinco vezes a pessoas diferentes.

Contato

A expedição Beico-de-Pau será chefiada pelo sertanista João Américo Peret, o mesmo que localizou os despojos da expedição do Padre Calleri, massacrada pelos índios Atoaris, no Amazonas. Junto com ele, irá o etnólogo e missionário luterano Fritz Folkstorff. Ambos já tiveram um primeiro contato, acidental, com esses índios, em janeiro de 1968, quando compriam outra missão.

Nessa oportunidade, navegavam pelo rio Arinos, quando os Beico-de-Pau surgiram na margem e os chamaram. Peret fez o barco a motor atracar na margem oposta e se dirigiu ao encontro dos índios numa canoa de remo, em companhia do etnólogo. Levou apenas, além deste, o índio civilizado Cândido Morimá e deixou no barco os demais homens, porque não estavam em condições de saúde ou psicólogos para entrarem em contato com os silvícolas.

Quando a canoa chegou perto, os índios lançaram-se à água ao encontro dela, arrastando-a para a margem. Em seguida, retiravam os presentes que estavam no fundo da canoa, escondiam-nos no mato e voltavam rapidamente a buscar mais. Ao desembarcarem, Peret e seus companheiros foram envolvidos, por cerca de cem índios, que os apalparam beliscavam e pediam-lhes os chapéus e as roupas, sempre com muito alarido. Como Peret estivesse com máquinas fotográficas e um gravador portátil, os índios o tomaram por uma espécie de pajé e esfregavam punhados de farinha nos seus braços e na sua cabeça, para depois passarem nas partes do próprio corpo em que se manifestasse alguma doença. Como se o contato com o estranho pajé tornasse em remédio o punhado de farinha.

Os beicos-de-pau

Peret, mostrando objetos e dizendo o nome destes em línguas indígenas conhecidas, para que os Beicos-de-Pau repetissem os nomes em sua língua, gravava as palavras, com o objetivo de, pos-

teriormente, identificá-las ao grupo linguístico. A gravação, entretanto, ficou prejudicada pelo alarido. Entretanto, o etnólogo e o sertanista examinavam os índios que, de maneira geral assemelhavam-se aos Suia, da região do Xingu. Além do arco de madeira esticando-lhes os lábios, os homens tinham as orelhas dilatadas como as das mulheres, e uma entrada raspada no alto do frontal, permanecendo longo o resto dos cabelos. Os adornos eram de cores pobres, prevalecendo o negro e a cor natural da palha, nos trançados. Os colares eram principalmente, de caroços de milho graúdos e as braceleiras presas logo abaixo do ombro.

Alguns guerreiros ostentavam cicatrizes feitas proposadamente, no peito, na forma de duas paralelas horizontais. Outros, a mesma cicatriz no braço. Outros, ainda, pintavam-se com urucum e genjipó. Pelos caracteres gerais, devem pertencer ao grupo Gê ou Caiapó.

Desconfiança

Peret levará uma panela com mistura de farinha e açúcar, que ofereceu aos índios. Porém, eles quiseram que primeiro o próprio sertanista comesse, e só então serviram-se também. Mais tarde, Peret descobriu por que: é que, há cerca de dez anos, um seringueiro chamado Benedito Bruno, já falecido, havia envenenado vários índios com arsênico misturado a açúcar.

Se, por um lado, o conteúdo da panela pareceu suspeito aos índios, as máquinas fotográficas e o gravador pendurado aos ombros do sertanista lhes pareceram amuletos ou distintivos hierárquicos, e Peret por analogia com o pajé da tribo — que também usava uma coleção de objetos "sagrados" pendurados do pescoço e dos ombros —, apareceu-lhes como uma espécie de feiticeiro ou pajé. Por isto, esfregavam farinha nos braços nus e na cabeça do Peret, para, em seguida, passar essa farinha sobre as regiões do próprio corpo em que sentiam dor ou tinham alguma doença ou ferimento.

A expedição

Na expedição Beico-de-Pau, Peret e seus companheiros seguirão de Cuiabá, pela BR-364, até a distância de uns 200 quilômetros, passando a um ramal de estrada carroçável até a confluência do rio Claro com o Arinos, numa distância de 80 quilômetros. Daí, em barco com motor de pópa, descerão o Arinos, rumo norte, durante dois dias, até a Ilha da Trineira, assim chamada pelos invasores de terras, há tempos, quando ali se instalaram em trineiras para liquidar os índios que tentassem cruzar o rio para alcançar a margem direita. A ilha fica em frente ao ponto em que os índios costumam aparecer até hoje, e nela Peret estabelecerá o primeiro acampamento da expedição.

A partir desse acampamento, cruzando o rio para a margem esquerda, a expedição montará os chamados polos

de atração: barracas de palha em que são deixados, como brindes, facões, machados, enxadas, material de pesca, mangas e espelhos.

Pacificação

Quando os índios começarem a retirar os brindes, indicando com isto que querem encontrar-se com a expedição, serão feitos os contatos diretos e, na ocasião oportuna e a convite, Peret e seus companheiros visitarão as aldeias. Porém, em companhia de Peret deverão ir apenas o etnólogo Fritz Folkstorff e um enfermeiro para vacinar os silvícolas contra possíveis doenças que os civilizados possam transmitir-lhes.

Essas precauções sanitárias foram introduzidas recentemente pela FUNAI, para maior proteção dos índios que ainda vivem em estado natural e têm pouco ou nenhum contato com civilizados. Bem sucedido esse contato, será escolhido o local estratégico para montagem do posto de assistência definitivo, passando os expedicionários a uma outra fase de pacificação, em que ensinam aos índios o uso e a conservação dos objetos presenteados, melhores sistemas de agricultura, hábitos sanitários.

Como medida preliminar à expedição pacificadora, o Sr. José Queirós Campos, presidente da FUNAI, determinou ao titular da 5.ª Delegacia da FUNAI que notificasse todos os civilizados que estão desenvolvendo atividades econômicas na área, para se retirarem imediatamente, citando, assim, que a presença de estranhos prejudica os objetivos da expedição.

O reconhecimento aéreo da região do rio Arinos, feito recentemente pelo sertanista Peret, revelou a existência de, pelo menos, onze malocas, o que leva a estimativa de 1 650 índios, pois cada maloca abriga, em média, 150 pessoas.

Com os atroaris

De outra parte, o Ministério do Interior informou que a expedição da FUNAI que tentará a pacificação dos atroaris, pretende aproximar-se, pelo norte, da localidade conhecida como Alalão, fugindo assim ao roteiro seguido pela missão do Padre Calleri, que foi dada, para evitar o que poderia ser interpretado como uma atitude hostil. O presidente da FUNAI, Sr. Queirós Campos, disse que a escolha desse roteiro, evitará novo massacre, pois o local em que a missão Calleri foi surpreendida, foi o mesmo em que, no ano passado, os atroaris foram vítimas de expedições punitivas.

O presidente da FUNAI considera muito difícil a pacificação dos atroaris, por acreditar que esses índios estão em constante expectativa de um ataque dos brancos como represália ao extermínio de Calleri e seus companheiros.

A data da partida da nova missão ainda não está marcada e nem foi escolhido o seu chefe, que tanto poderia ser o sertanista Meireles como João Américo Peret.